

A influência do tupi na formação do português do Brasil

Cristiano Marins Moreira

Introdução

Não é novidade ouvirmos que o português é uma língua rica. Isto ocorre não só pelo número cansativamente contável de vocábulos e expressões que oferece aos seus falantes, mas também pela grande variedade lingüística que apresenta. Além disso, ao analisarmos a gramática portuguesa, observamos a quantidade de detalhes (regras e exceções) existentes, os quais contribuem com a riqueza da nossa língua materna.

Uma das razões desse brilhantismo português, deve-se, dentre outras, pelo recebimento e absorção de inúmeras contribuições estrangeiras em seu vernáculo.

Em se tratando, especificamente, do português do Brasil, é extremamente comum utilizarmos palavras que são originalmente pertencentes a outras línguas, tais como: abajur (francês), pizza (italiano) e Ipiranga (tupi).

Dessa forma, constitui-se como objetivo deste trabalho, apontarmos a principal influência da língua tupi sobre a língua portuguesa, em seu processo de expansão no Brasil. Tratando, para tanto, dos seguintes aspectos:

- Considerações iniciais sobre o tupi;
- A designação do termo tupi;
- O substrato tupi;
- Alguns exemplos de substratos.

Partamos, então, para o nosso estudo, inicialmente, abordando breves comentários sobre o Tupi.

Considerações iniciais sobre o tupi

Em 1500, quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Este já era ocupado por nativos que se comunicavam usando a língua tupi.

O tupi antigo, também chamado de “tupinambá”, pertence à família tupi-guarani. Vale ressaltar que esta se destaca dentre as outras famílias sul-americanas, devido a sua extensão; já que as línguas pertencentes a ela eram faladas em todo litoral brasileiro e na Bacia do Paraná durante o século XVI.

Atualmente, o tupi-guarani ainda pode ser encontrado nas seguintes regiões:

- a) Norte – Pará, Amapá e Amazonas;
- b) Nordeste – no Estado do Maranhão;
- c) Centro-oeste – no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás;
- d) Sudeste – no Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo;
- e) Nos três estados da região sul.

Há, ainda, a ocorrência do tupi-guarani nos seguintes países da América do Sul: Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Com base nos dados acima, podemos perceber que a presença dos europeus, iniciada no século XVI, dizimou a população indígena nativa e, conseqüentemente, quase fez desaparecer a herança cultural dos verdadeiros donos do Brasil.

Em relação à escrita, os primeiros registros surgem ainda no século XVI, sendo o primeiro datado de 1575.

Quando os jesuítas chegaram aqui, demonstraram grande preocupação pelas almas dos nativos. Assim, com a necessidade de catequizá-los, os religiosos se empenharam na descoberta e na aprendizagem da língua tupi. Torna-se evidente, então, que os primeiros escritos na língua tupi apresentavam um caráter específico, voltado para a religião. Principalmente, foram produzidas as orações do Pai-nosso, Ave-Maria e o Credo.

Em seguida, a preocupação se volta para a reprodução de conversas entre indígenas e europeus; surgindo, assim, um documento nesses modelos.

Um fato a ser destacado, é que praticamente todos os europeus que chegavam em solos brasileiros, aprendiam a língua indígena. Então, os jesuítas passaram a publicar textos não religiosos. José de Anchieta foi um deles. Ele escreveu não só mais de quatro mil textos, mas também criou a primeira gramática da língua tupi. Vale afirmarmos ainda que as outras gramáticas elaboradas posteriormente, também são resultantes de autores religiosos.

Portanto, conforme o que foi exposto anteriormente, notamos que o tupinambá foi à língua natural mais utilizada em nosso país.

Ela predominou, sobretudo, no contato entre estrangeiros e nativos; além de ter sido largamente empregada na expansão bandeirante do sul. e na ocupação de territórios na região norte.

O uso do tupi ultrapassou limites. Tornou-se tão comum entre os habitantes do Brasil que foi proibido pelo governo. No entanto, a língua dos reais descobridores do Brasil não se perdeu. Atualmente, podemos observar a quantidade de vocábulos tupis que nomeiam: cidades, pessoas, animais, plantas, frutos, acidentes geográficos, etc.

A designação do termo tupi

No início da colonização brasileira, acreditavam os estudiosos que em toda costa, desde o Pará até o Sul do país, falava-se a mesma língua. Esta, nos séculos XVI e XVII, passou a ser chamada de língua brasílica. Como toda língua, também apresentava algumas variantes dialetais. As mais conhecidas eram: o tupi e o tupinambá. Vejamos:

A língua de que usam, toda pela costa, é uma, ainda que em certos vocábulos difere em algumas partes, mas não de maneira que se deixam uns aos outros de entender”.(Gândavo, 1980: 122) “... desde os potiguares do Paraíba até os tamoios do Rio de Janeiro, pronunciam inteiros os verbos acabados em consoante, como Apab, Asem, Apen, Aiur. (Esse é o dialeto do tupinambá e doutros indígenas da costa.) (Anchieta. Arte, 1946, 1v)

Os tupis de São Vicente, que são além dos Tamoios do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo. Em lugar de Apab dizem Apá, em lugar de Asem e Apen, As? e Ap, pronunciando o til somente; em lugar de Aiur, (dizem) Aiu. (Esse é o dialeto dos tupis de São Vicente). (Anchieta)

Por isso, afirmava Anchieta que o dialeto tupinambá, seguindo o aspecto territorial, era mais falado que o tupi, pois o primeiro se destacava desde a costa nordestina até o Rio de Janeiro; ao passo que o segundo abrangia apenas a capitania de São Vicente e o planalto de Piratininga (no atual Estado de São Paulo).

Se fôssemos, então, classificar a língua brasílica pelo aspecto territorial, deveríamos chamar a língua indígena de tupinambá e não de tupi.

Se fôssemos, de outra maneira, designar a língua nativa de tupinambá por seus elementos gramaticais mais utilizados que na variante tupi, deixaríamos de perceber que aquele apresentava inúmeras variações entre si.

Pensou-se, portanto, que se o tupinambá não era uno, tal termo não mereceria o caráter designativo genérico. Entretanto, já o tupi, teve profunda aceitação e, portanto, larga difusão, funcionando como o termo designativo do tupinambá, tupiniquim e tupinaé.

Outra razão pela qual o termo passou a designar a língua brasílica deve-se ao fato de Anchieta, o maior escritor da língua em foco, ter escrito suas obras na variante tupi de São Vicente onde ele atuou.

Contudo, devemos esclarecer que quando se usa o termo “tupi”, não nos referimos especificamente ao dialeto usado em São Vicente, mas sim naquilo que falavam os tupis, os tupinaés, os tupiniquins, os tupinambás, os tamoios, os totiguares, etc.

O substrato tupi

Ao observarmos atenciosamente o português do Brasil, percebemos que em possui algumas diferenças do português de Portugal. Mesmo sendo este país o introdutor da língua portuguesa naquele. é notório que inúmeras mudanças ocorreram em vários campos lingüísticos, a saber: léxico, fonética, sintaxe, semântica, etc. Isso se deve ao fenômeno do substrato.

Segundo este conceito, quando uma nação domina sobre outra, impondo-lhe sua cultura, a tendência natural é que a língua do povo dominador sofra alterações por receberem influências da língua do povo dominado que não desaparece. Entretanto, sobrevive através de vocábulos incorporados ao vernáculo imposto.

Esse aspecto é facilmente perceptível em nossa língua, pois ao ser reprimido pelo português de Portugal, o tupi deixou várias contribuições vocabulares que aparecem em nomes próprios, na flora, na fauna, em nomes de alimentos e, até mesmo, em contaminações vocabulares.

Exemplos de contribuições vocabulares do tupi para o português

Nesta seção, o nosso intuito é demonstrar alguns exemplos do substrato tupi utilizados no português do Brasil. A pequena mostra vocabular estará disposta em ordem alfabética, contendo o verbete, uma breve exposição e seu significado. Vejamos:

Araponga: Como nome comum, a palavra designa um pássaro da família dos cotingídeos (procnias nudicolis). Formada pela justaposição de ará, ‘ave’ – ponga, gerúndio supino do verbo pong, ‘fazer ruído’; donde: ‘ave de canto sonante’.

Assaí: Forma simples que nomeia a fruta ácida da palmeira euterpe olerácea, de que se faz suco, o que a liga semanticamente à flora. A ortografia vigente determina que seja escrita de outra forma: açai.

Boiçucanga (município de São Paulo): de mboía – cobra + usu – sufixo de aumentativo + kanga – esqueleto, osso.

Carioca: [Tupi: kari’oka, casa do branco] Província do vice-reino de Pindorama e nome indígena de sua capital, Rio de Janeiro.

Comandacaia (localidade da Bahia): komandá – fava + kaî – queimar – favas Queimadas.

Curitiba: O nome da capital paranaense é uma lexia formada pela justaposição dos seguintes lexemas Tupi: kuri, ‘pinheiro’, + tyba, ‘muito, lugar onde há muito’; donde: ‘sítio onde há muitos pinheiros, pinhal’; o que o liga semanticamente à flora.

Goitacazes: [Tupi: guaytaka (grupo indígena)] Cidade do vice-reino de Pindorama (corresponde a Campos, no mundo real).

Ibiporã: Nome composto da justaposição de ybi, ‘terra’ + porã, ‘habitante’; donde: ‘o habitante da terra’, o que o liga semanticamente à cultura.

Igatatá: [Tupi: iga (barco) + tatá (fogo)] Navio a vapor.

Iguaçu: Em português, já como topônimo, esta palavra nomeia um rio da região de fronteira do Brasil com o Paraguai. Desta designação, ele passa a constar em pelo menos dois topônimos municipais paranaenses. Sua origem é a justaposição dos seguintes lexemas Tupi: y,

‘água, rio’, + uaçu, ‘grande’; donde: ‘rio grande, caudal, queda d’água’, o que o liga semanticamente aos acidentes geográficos.

Itabira (cidade de Minas Gerais) – de itá - pedra + byr – levantar-se, erguer-se: pedra levantada.

Itapecirica (cidade de São Paulo): itá – pedra + peb – achatado + syryk – escorregar: pedra achatada escorregadia.

Itapemirín: [Tupi: ita (pedra) + pehéng (pedaço) + mirín (pequeno)]

Jacaré: Na língua comum é o nome genérico de várias espécies de répteis crocodylianos, do gênero Caiman. Seu étimo iá-karé, que Silveira Bueno (1978) traduz por ‘aquele que olha de lado, aquele que é torto’, sem dar maiores explicações, sugere uma formação justapositiva. A palavra compõe o topônimo municipal paranaense Jacarezinho, pela justaposição do sufixo diminutivo português – (z)inho.

Jandaia (do Sul): Na língua comum, a palavra jandaia nomeia um pequeno papagaio de cabeça, peito e encontros amarelos, o *Psittacus surdus*. Pelo sentido original de jandaia, pode-se relacionar o topônimo à área semântica da fauna.

Maringá: A que é conhecida por ‘cidade canção’ tem por étimo mais provável algo muito menos doce que o seu epíteto sugere. Parece proceder de alterações fonéticas da forma Tupi marigüã, ‘peneira para pescar’.

Mboitatá: [Tupi: mboi (cobra) + tatá (fogo)] Composição ferroviária.

Mumuru [Tupi: vitória-régia]: grande flor aquática da Amazônia, que se abre à meia-noite. Conhecida em português como estrela d’água (pois, neste Universo, jamais existiu a rainha Vitória, em homenagem à qual essa flor foi batizada, no nosso mundo, como vitória-régia).

Mutirão [Tupi: motirõ, reunião para fins de colheita ou construção, ajuda]: 1) Cooperativa de consumo e produção, que originada do modelo implantado pelas missões jesuíticas, difundiu-se por todo o espaço tupi-guarani e, a partir do século XVII, começou a ser adotado também por comunidades de outras origens; 2) O conjunto dos mutirões enquanto força social e política no Império Luso-Brasileiro e seu partido político.

Paraíba (estado brasileiro e nome de rio que banha sua capital) – de Pará – rio grande ou mar + aíba – ruim, mau: rio ruim.

Paraná: O único dos três estados sulistas a ter nome de origem Tupi é o Paraná, que vem da justaposição de Pará, “caudal”, com anã, “parente, semelhante”; donde: “semelhante ao caudal, mar”, o que o liga semanticamente aos acidentes geográficos.

Parapanema (nome de rio que separa os estados de São Paulo e Paraná) – de paranã – mar ou rio grande + panem – imprestável: rio imprestável.

Pipoca: pira – pele + pok – estourar – pele estourada.

Pirabebé (nome de um peixe): pirá – peixe + bebé – voar – peixe voador.

Pirai: Resultado da justaposição de pirá, “peixe”, + y, “rio”; donde: “rio dos peixes”, compõe o topônimo municipal paranaense Pirai do Sul, ligando-o semanticamente aos acidentes geográficos. Tocantins (estado brasileiro) – de tukana – tucano + ti? – bico, nariz, saliência - bico de tucano.

Tietê (rio de São Paulo) – de ty- rio, água + eté – muito bom, verdadeiro, genuíno: rio muito bom, rio verdadeiro.

Tijuca (nome de rio do Rio de Janeiro) – de ty - rio, água + ãuk – podre: rio podre, água podre.

Voçoroca (tipo de erosão da terra) – de yby – terra + sorok – rasgar – terra rasgada.

Considerações finais

O estudo apresentado tratou da influência do tupi na formação e expansão da língua portuguesa do Brasil, principalmente no campo lexical.

Afirmamos que a nossa língua apresenta um brilhantismo lexical, devido ao recebimento de grandes contribuições estrangeiras e, principalmente, de origem indígena.

Foi exposto, em breves comentários, o interesse dos jesuítas em aprender o tupi com a finalidade de catequizar os primeiros habitantes da costa brasileira. Isso ocasionou a propagação do tupi que por ter se tornado extremamente comum foi proibido pelo governo que pretendia conter a expansão da língua brasílica.

Esperamos que tenha sido bem esclarecida a questão do termo tupi para designar a língua falada pelos tupis, tupinambás, tupiniquins, etc.

Finalmente, abordamos o substrato tupi, resquícios do vocabulário originalmente indígena, que agora se encontra incorporado ao vernáculo de nossa língua materna, sendo comprovado através de topônimos, fauna, flora, acidentes geográficos, etc.

Referências bibliográficas

GOMES, Nataniel dos Santos. Observações sobre o tupi antigo e a língua portuguesa. **In:** Almanaque CiFEFIL 2004. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. CD-ROM.

_____. A Gramática do tupi antigo. **In:** Almanaque CiFEFIL 2004. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. CD-ROM.

_____. Síntese da Gramática tupinambá. **In:** Almanaque CiFEFIL 2004. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. CD-ROM.

LÉLLIS, Raul Moreira. Gramática histórica da língua portuguesa. Edição não-comercializável organizada pelo Prof. José Pereira da Silva.

LUCIANO, Aderaldo. De canibais e cobras corais: uma canção tupi. **In:** Almanaque CiFEFIL 2004. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. CD-ROM.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Análise dos termos “tupi” e “tupinambá”, como designativos da língua brasílica da costa brasileira, dos séculos XVI E XVII. **In:** Almanaque CiFEFIL 2004. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. CD-ROM.

_____. Curso breve de tupi antigo em dez lições com base nos nomes de origem tupi da geografia e do português do Brasil.